



Curso de Licenciatura em Educação Física

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Carlos Luciano da Silveira Alves

Uruguaiana-RS

2016/2

TEMATIZANDO O ESPORTE DE ORIENTAÇÃO NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, UM RELATO DE CASO

THEMATISING SPORT ORIENTEERING IN YEARS FINAL OF BASIC EDUCATION, A CASE REPORT

RESUMO: O presente trabalho descreve a experiência do desenvolvimento de uma proposta de ensino do Esporte de Orientação nas aulas de Educação Física do estágio supervisionado no Ensino Fundamental. Orientação é um esporte em que os praticantes percorrem um terreno com pontos de controle distribuídos no campo de jogo, de forma livre e auxiliados por mapa e bússola, no menor tempo possível. Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais e considerando o texto da Base Nacional Comum Curricular, foram desenvolvidas 21 intervenções com estudantes do 9º ano, que envolveram a interdisciplinaridade, o princípio da inclusão e os temas transversais, especialmente, meio ambiente e saúde, nas aulas de Educação Física. Ao final do estágio foram coletadas as impressões dos participantes onde foi possível perceber que a proposta de ensino do Esporte de Orientação sugere aprendizado de uma nova linguagem corporal aos envolvidos, apresentando uma proposta capaz de oportunizar a abordagem de temas transversais e de articular-se interdisciplinarmente.

Palavras chave: Educação Física escolar. Esporte. Orientação. Ensino. Interdisciplinaridade

ABSTRACT: The present study describe the experience of developing a teaching proposal of Orientation Sport in Physical Education classes supervised in Elementary School. Orientation is a sport in which players cross a terrain with control points distributed on the playing field, in a free form and aided by map and compass, in the shortest time possible. Based on the National Curricular Parameters and considering the text of the National Curricular Common Base, 21 interventions were developed with 9th grade students, which involved interdisciplinarity, the inclusion principle and transversal themes, especially environment and health, in Physical Education. At the end of the stage, the participants' class report were collected where it was possible to perceive that the teaching proposal of Orientation Sport suggests learning a new body language to those involved, presents as a proposal able to opportunize the approach of transversal themes and articulate Interdisciplinary.

Keywords: School Physical Education. Sports. Orientation. Teaching. Interdisciplinarity

1 INTRODUÇÃO

O que se entende por Educação Física Escolar?

A Educação Física Escolar (EFE) passou por diferentes entendimentos de seu papel ao longo da história. Desta forma, para compreender a EFE que se conhece hoje, se faz necessário revisitar suas origens na Europa nos fins do século XVIII e abertura do século XIX. Entende-se que de acordo com o momento histórico existiam objetivos e conteúdos distintos a serem ensinados na escola (SOARES, 1996). Assim, a EFE passou pela consolidação de uma nova sociedade - a sociedade capitalista - na qual exercícios físicos teriam um papel destacado, esse projeto de sociedade necessitava arquitetar um novo homem: mais forte, mais ágil, mais empreendedor, objetivando as necessidades do mercado de trabalho (SOARES et al.,1992).

Com base em um levantamento histórico, Ghiraldelli Jr. (1991), destaca cinco tendências da Educação Física Brasileira: a Higienista - 1930, Militarista – 1930/1945, Pedagogicista – 1945/1964, Competitivista - pós 64 e a Educação Física Popular até meados de 1980, essa foi marcada pelas proposições teórico-metodológicas para a EFE, que logo em seguida ficaram conhecidos como concepções pedagógicas (SANCHES NETO e BETTI, 2008).

A década de 1990 trouxe significativas modificações nas tendências anteriores sobre o patrimônio corporal cultural: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, sendo a representação peculiar do que o homem viveu. Concebendo o objeto de estudo da Educação Física como fenômeno cultural, surgem os termos “cultura corporal” (Soares et al. 1992), “cultura corporal de movimento” (Bracht, 1992) e “cultura corporal do movimento” (Kunz, 1991). No entanto, foi na metade desta década que uma significativa alteração nas Leis de Diretrizes e Bases (LDB), fez o status da Educação Física mudar. Se a LDB/71, trazia a Educação Física, como atividade, a LDB/96 trouxe a desconstrução desse teor, passando a EFE a componente curricular da educação básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, embora facultativa nos cursos noturnos.

Outro avanço para a EFE veio com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), que foram elaborados procurando subsidiar a versão curricular dos estados, embora haja a crítica sobre a sistematização dos conteúdos de um país de

proporções continentais e com tamanha diversidade cultural, foi destacada a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras.

De acordo com Darido et al (2001), o discurso dos PCN giram em torno da cidadania, entendendo a escola como um dos espaços possíveis de contribuição para a formação de indivíduos críticos, autônomos, reflexivos, sensíveis e participativos. E para ter êxito, a escola deve abordar os assuntos sociais mais emergentes, por meio dos Temas Transversais e interdisciplinares que podem ser incorporados no trabalho educativo da mesma.

Além dos textos sobre os componentes curriculares, os PCN orientam a abordagem dos Temas Transversais relativos à cidadania: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo. Outro tema pouco explorado, apesar de bastante difundido, desde sua normalização, é a interdisciplinaridade, que é a inter-relação entre os componentes (BRASIL, 1998).

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013) destacam a importância da transversalidade do conhecimento de diferentes disciplinas, que pode acontecer por meio da contextualização que perpassa todo o currículo e deve propiciar a comunicação entre os conhecimentos e as diferentes áreas do saber.

Portanto entende-se por EFE um componente que introduz e incorpora o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, capacitando-o para usufruir os jogos, os esportes, as danças, as lutas e as ginásticas, buscando o exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. (CONFEEF, 2012).

Nesse sentido, o Esporte de Orientação torna-se uma excelente ferramenta pedagógica como meio à aprendizagem de forma interdisciplinar e na área transversal do conhecimento.

Pasini (2004) comenta que, através do Esporte de Orientação, é possível abordar assuntos relativos à cidadania, como: ética, meio-ambiente, pluralidade cultural e saúde, assim como temas interdisciplinares.

Orientação é um esporte em que os competidores percorrem de forma livre através de um terreno desconhecido e variado, auxiliados somente por mapa e, eventualmente, uma bússola, no qual devem passar no menor tempo possível em uma série de pontos de controle distribuídos no campo de jogo numa ordem. (CBO, 2016).

Diversos atributos são utilizados na Orientação, o que contribui para uma formação equilibrada do praticante. Permite ainda um aperfeiçoamento de todas as áreas da inteligência e propicia aos professores a oportunidade de utilizar o recurso da interdisciplinaridade por trabalhar todas as áreas do conhecimento coletivamente, influenciando no desenvolvimento

humano (FERREIRA, 2006; GARDNER, 1994). Essa recente modalidade esportiva incentiva à prática de potencialidades e tem como característica importante a sua enorme versatilidade, pois consegue desenvolver o pensamento estratégico e a inteligência por meio do lúdico. Pode-se afirmar que a sua prática exercita a tomada de decisões, adaptação aos diferentes tipos de relevo, desenvolve capacidades físicas e integra-se facilmente aos componentes curriculares: matemática, geografia, história, biologia, ciências, educação ambiental e etc. (FGO, 2016). Portanto, este esporte que tem na natureza seu espaço de jogo pode ser utilizado na Educação Física Escolar (EFE) com enfoque nas suas vertentes pedagógica e ambiental.

Feio (1987, p.17) afirma que: “A orientação poderá servir de base para a interdisciplinaridade; de motivação a certos exercícios de algumas disciplinas e também como espaço de aplicação para as noções abstratas estudadas, numa perspectiva multi ou mesmo pluridisciplinar [...]”.

O Esporte de Orientação é dividido em quatro vertentes pela CBO: competitiva, ambiental, pedagógica e turismo (CBO, 2016). No âmbito escolar as duas vertentes, ambiental e pedagógica, cruzam-se quando dentro dos muros do estabelecimento de ensino, pois são diversas as articulações entre os componentes curriculares que podem ser contempladas pelo planejamento do professor, assim como o tema transversal: a educação ambiental, além de poder também contemplar diversas disciplinas relacionadas ao assunto, na disciplina de história, com informações sobre o local e região onde se realizada a atividade, em geografia, pode-se praticar tarefas associadas a escalas, curvas de nível, norte geográfico e magnético (ALBUQUERQUE, 2012).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2016), em fase final de elaboração, incentiva a participação em atividades que permitam a observação do ambiente e das histórias do local, fazendo uso de ferramentas de conhecimento (bússola), experimentando e conhecendo as origens de diferentes práticas corporais de aventura na natureza (ex.: corrida de orientação, entre outras), que não só podem, como devem ser alteradas didática e pedagogicamente para que sejam incorporadas nas aulas de Educação Física.

Desta forma, as práticas corporais de aventura surgem como possibilidade de prática pedagógica, podendo ser realizadas no meio urbano no 3º ciclo e na natureza no 4º ciclo, do Ensino Fundamental, devendo iniciar-se pelo ambiente escolar e, posteriormente o empoderamento por parte da comunidade escolar, de áreas adjacentes. Essa mudança leva em consideração a possibilidade de conhecer, respeitar, utilizar o patrimônio público e minimizar os impactos da degradação ambiental.

Nesta proposta de estudo, a análise recaiu sobre a tematização de um esporte pouco explorado na EFE e as possíveis repercussões que o presente projeto teve para os alunos do 9º ano da escola campo de estágio supervisionado. As informações deste estudo poderão oferecer subsídios para planejamentos inovadores em EFE, considerando a riqueza de possibilidades desta proposta que transcende os conteúdos que historicamente marcaram o currículo das aulas dessa disciplina.

2. MÉTODOS

Delineamento metodológico

Trata-se de um estudo de caso, com abordagem quali-quantitativa, de um relato de experiência sobre o desenvolvimento do Esporte de Orientação com os anos finais do Ensino Fundamental, em uma escola pública no município de Uruguaiana/RS, realizado durante o estágio curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa. De acordo com Creswell (2007), nos tratamentos mistos adequam-se os métodos prefixados das pesquisas quantitativas com métodos que despontam das qualitativas, assim como questões abertas e fechadas, com diversas formas de dados tendo todas as possibilidades consideradas, inserindo análises estatísticas e análises textuais.

Para registro das informações foram utilizados dados do diário de campo, que na visão de Lewgoy e Scavoni (2002), é um documento pessoal-profissional no qual o discente baseia o conhecimento teórico - prático, relacionando com os fatos vivenciados no dia-a-dia da atividade, através do relato de suas experiências e sua participação na vida escolar e registros fotográficos das aulas que retratarão as experiências neste artigo. Além disso, foram desenvolvidas 21 intervenções durante 16 (dezesseis) semanas, e desenvolvidos questionários de avaliação da proposta de ensino com os participantes.

Abordagem aos participantes

Os primeiros contatos foram realizados ainda no mês de dezembro do ano anterior, via mensagem de texto com a professora de Educação Física que posteriormente participaria do projeto como supervisora, no intuito de verificar se havia a possibilidade e o interesse por parte da mesma em desenvolver um trabalho onde seria inserido nas aulas de Educação Física o Esporte de Orientação, o que foi prontamente aceito.

Posteriormente ao início do primeiro semestre acadêmico de 2016, houve o contato com a escola campo para apresentação do projeto de ensino, solicitação de espaço para estágio, seleção de turma, no qual foram oferecidos dois nonos anos, com aulas às terças e quintas-feiras. Nesta ocasião foi realizado o estudo do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, estudo do planejamento da Educação Física, articulação da proposta com a supervisão da professora de Educação Física, observação de duas aulas, conhecimento dos espaços, do contexto escolar e dos alunos.

Solicitação junto a direção da escola de reunião com os professores das turmas, no sentido de desenvolver atividades correlatas com as disciplinas de sala de aula. Houve a participação em uma reunião do PIBID de Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), que realiza trabalho na escola, foi acertado que fariam um Projeto sobre Meio Ambiente, a fim de ser de aplicado no decorrer das aulas.

Na primeira observação houve apresentação da proposta de ensino aos estudantes e foi criado um grupo virtual para comunicação denominado "orientação".

Os cuidados éticos deste estudo estão de acordo com as resoluções nº 466/12, de 12 de dezembro de 2012 e Nº 510, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde. O contato inicial foi realizado com a escola, posteriormente os pais ou responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os alunos participantes consentiram em oferecer informações para este relato e assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, além desses foi assinado pela supervisora e orientadora do estagio supervisionado um TCLE onde constaram as informações e dados necessários ao devido conhecimento sobre todo o processo.

O contexto da escola

O projeto foi desenvolvido em uma escola pública do município de Uruguaiiana, que para as práticas de Educação Física (EF), conta com duas quadras poliesportivas, sem cobertura e um campo de futebol sete (society) de terreno irregular, uma sala de vídeo em boas condições e um pátio arborizado, amplo, sendo esta última característica uma das que influenciou na escolha por aquele educandário para desenvolver o Projeto.

A escola está inserida entre quatro bairros de periferia da cidade, onde o saneamento é precário (esgotos à céu aberto e valões), as áreas ribeirinhas são atingidas por enchentes e elevados índices de violência assim como drogatização. Apesar de alguns fatores negativos

nos bairros adjacentes o Educandário supera diversas dificuldades com cultura esportiva muito forte, o que atenua certas mazelas.

Os estudantes

Os 21 estudantes deste grupo são do sexo masculino, os mesmos são moradores dos bairros onde a escola está inserida, sendo que o morador mais distante reside a aproximadamente um (01) quilômetro da escola. As aulas de EF acontecem no turno oposto, o que segundo Darido (2004), ocorre em diversas escolas brasileiras em função de muitos fatores (clima da região, estrutura física, tipo de currículo, material disponível e outros) oferecem o componente em horário diferente dos demais.

Aulas

O projeto apresentava algumas peculiaridades, entre elas: introduzir uma nova modalidade esportiva que carece de uma base teórica; trabalhar com temas transversais; inclusão de todos nas aulas e; a interdisciplinaridade sem fugir da especificidade da Educação Física e sua cultura corporal do movimento.

Para que possa se dar um entendimento de como foram procedidas as aulas, foi confeccionado um quadro que retrata os conteúdos das mesmas. O planejamento detalhado das aulas, desenvolvido no transcorrer do semestre, encontra-se em anexo (Anexo 1).

Quadro 1 – Cronograma das aulas

Aulas	Conteúdos	Técnica de Ensino	Materiais	Local
1.	Apresentação da proposta de ensino do Esporte de Orientação e aplicação de questionário	Aula expositiva	Projektor slides, notebook	Sala vídeo
2.	Execução da pista através de imagem aérea no pátio da escola	Aula prática e trabalho em grupo	Imagem aérea da escola, prismas de orientação e etiquetas	Pátio da escola
3.	Aferição do passo duplo e conhecimento da bússola	Estudo dirigido	Cones, prismas de orientação e bússolas	Frente da escola e quadra 1
4.	Aula Teórica Temas Transversais	Aula expositiva	Projektor slides, notebook	Sala vídeo
5.	Execução da pista utilizando azimute	Aula prática e trabalho em grupo	Prismas de orientação, suporte de prismas, picotadores, bússolas e folhas A4	Pátio da escola

6.	Execução da pista utilizando azimute	Aula prática e trabalho em grupo	Prismas de orientação, suporte de prismas, picotadores, bússolas e folhas A4	Pátio da escola
7.	Aula voltada ao preparo físico - corrida intervalada de 12 min 6 X (1' x 1')	Aula prática	Cronômetro e apito	Campo de futebol
8.	Aferição do passo duplo (correndo) e conhecimento da bússola	Estudo dirigido	Cones, prismas de orientação e bússolas	Campo de futebol
9.	Identificação do material	Estudo dirigido	Prismas de orientação, suporte de prismas, picotadores, bússolas, cartões de controle e mapas de orientação	Campo de futebol
10.	Realização da primeira pista carta/terreno- reconhecimento de ambiente público para a prática	Aula prática	Prismas de orientação, suporte de prismas, picotadores, bússolas, cartões de controle e mapas de orientação	Parque D. Pedro II
11.	Aula voltada ao preparo físico - corrida contínua de 12 min (1' x 1')	Aula prática	Cronômetro e apito	Campo de futebol
12.	Realização de pista com proposta inclusiva – o guia e o cego	Aula prática	Prismas de orientação, suportes de prismas, cartões de controle, tecido preto (vendas)	Campo de futebol
13.	Execução da pista utilizando azimute	Aula prática e trabalho em grupo	Prismas de orientação, suporte de prismas, picotadores, bússolas e, cartões de controle	Campo de futebol
14.	Cálculo de escalas, conversão de medidas e interpretação de curvas de nível	Aula expositiva	Projektor slides, notebook	Sala vídeo
15.	Aula voltada ao preparo físico - corrida intervalada de 12 min 8 X (1' x 1')	Aula prática	Cronômetro e apito	Campo de futebol
16.	Realização da segunda pista carta/terreno em espaço externo à escola	Aula prática	Prismas de orientação, suporte de prismas, picotadores, bússolas, cartões de controle e mapas de orientação	Parque Agrícola e Pastoral
17.	Apresentação da modalidade às meninas Temas Transversais Meio Ambiente	Aula expositiva	Projektor slides, notebook	Sala vídeo
18.	Aula em forma de circuito 4 estações	Aula prática	Cones, pratos demarcatórios, colchonetes, escada de agilidade, cronômetro e apito	Campo de futebol
19.	Realização de pista carta/terreno (meio ambiente)	Aula prática	Prismas de orientação, suporte de prismas, picotadores, bússolas, cartões de controle, mapas de orientação, sacos de lixo e luvas descartáveis	Sede Campestre Grêmio Tiradentes e Área de instrução 2ª Bda C Mec
20.	Realização de uma pista em forma de corrida de estafeta	Aula prática	Imagem aérea da escola, bolas (handebol, basquete, futebol e	Campo de futebol e as duas quadras

			voleibol), cones, arcos e pratos demarcatórios	
21.	Realização de pista carta/terreno	Aula prática	Prismas de orientação, suporte de prismas, picotadores, bússolas, cartões de controle e, mapas de orientação	Sede Campestre Grêmio Tiradentes e Área de instrução 2ª Bda C Mec

Fonte: Cronograma proposto pelo autor

Questionários

Como forma de obter as impressões de todos os envolvidos no projeto, utilizou-se de quatro questionários que foram elaborados pelo autor com a finalidade de aproximar os conteúdos dos objetivos da pesquisa. Foram aplicados dois (02) questionários aos alunos, sendo: um na primeira aula com perguntas fechadas cuja finalidade era apurar qual o seu conhecimento sobre o tema; o segundo, na última intervenção, com perguntas abertas, fechadas e dependentes, a fim de compreender suas percepções após o término das aulas. Também foram aplicados um questionário a coordenadora e outro a supervisora, com perguntas abertas, fechadas e dependentes.

Gil (1999), retrata que um questionário, pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”, e Yaremko et al. (1986), determina como uma série de perguntas à respeito de um tema definido, que não é usado para testar a capacidade do respondedor, mas afere sua opinião, suas conveniências, aspectos de sua personalidade, e dados de sua biografia.

Para discorrer sobre as percepções dos envolvidos nos questionários e para garantir o anonimato dos mesmos, para os alunos foram utilizados números (do 1 ao 21), a professora responsável pela turma foi denominada de “supervisora” e a orientadora do estágio supervisionado III, foi chamada de “orientadora”.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mapeando os conhecimentos sobre Esporte Orientação

Conforme relatado anteriormente, na primeira intervenção foi realizado um mapeamento sobre os conhecimentos da turma à respeito do Esporte de Orientação, que balizou o planejamento das aulas seguintes. A seguir, apresentamos algumas informações sobre esse momento inicial.

Quando questionados sobre se conheciam o Esporte de Orientação, 93,75% da turma informou desconhecer o Esporte.

Perguntados se acham que é importante a inclusão de outro esporte nas aulas de Educação Física, além de voleibol, futebol, handebol e basquetebol, 100% da turma respondeu que sim.

E se acham que o Esporte pode proporcionar benefícios em outras áreas, 100% da turma responderam que sim.

Enfrentando o tradicional

A principal dificuldade em implantar o projeto se deu por conta da retirada da bola, esse componente mágico na EFE, já integrante da cultura do jovem brasileiro. A partir deste momento, ao invés da bola as aulas teriam bússolas, prismas, picotadores, mapas e outros elementos nunca vistos.

Outra dificuldade foi resistir à cultura da EFE de que: **dia de chuva não tem aula**, foi feita a proposta de que em dia de chuva teriam aulas em ambientes internos da escola, onde seria possível abordar conteúdos teóricos. Conforme já preconizava Darido (1995), que como eram visualizados certos procedimentos dos docentes formados na perspectiva “Científica” - que foram alterados com a implementação de novas abordagens pedagógicas - nota-se uma preocupação maior com a inclusão de todos, mesmo os “dispensados”, que deviam pelo menos assistir as aulas, e estas não ficavam mais à mercê de determinados conteúdos ou fatores climáticos, ocorrendo mesmo com chuva.

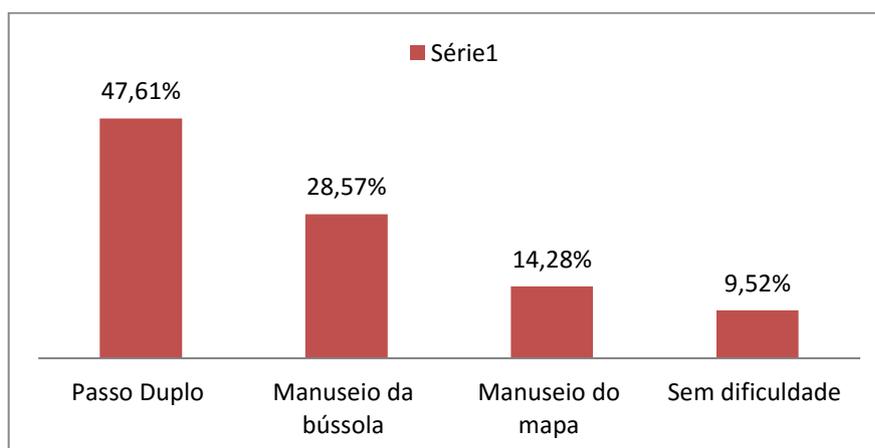
Além disso, outros locais antes inexplorados pela EF, tais como todo o perímetro da escola para práticas, campo e quadras de futebol para outras atividades, sala de vídeo e principalmente a apropriação de outros locais, fora dos muros escolares, que agora de acordo com os objetivos da BNCC (BRASIL, 2016), para o 4º ciclo (8º e 9º anos), inclui-se práticas corporais de aventura.

Conhecer, organizar e interferir no ambiente de acordo com suas próprias normas de conduta, requerer espaços apropriados para realizar atividades corporais de lazer,

identificando esses locais como uma necessidade básica do indivíduo e um direito do cidadão (BRASIL, 1997). Creio que estes objetivos foram cumpridos a partir do momento em que houve por parte desses alunos, através do Esporte Orientação, a identificação, exploração e a utilização de espaços públicos e privados, no entorno da escola, pois foram realizadas pistas no Parque Dom Pedro II (parcão) e Parque Agrícola e Pastoril, sendo o primeiro público e o segundo particular, mediante autorização dos responsáveis.

O passo duplo que é uma forma de mensurar distâncias utilizando as próprias pernas é um método muito praticado pela maioria dos orientistas¹ e constitui um procedimento de conversão matemática por meio de uma regra de três, (PASINI, 2004). Este foi um problema encontrado pelos alunos, de acordo com a figura 1, cuja pergunta era: Qual a sua maior dificuldade no decorrer das aulas? tendo em vista a dificuldade deles em efetuar o cálculo matemático, por outro lado pode-se intensificar mais uma ou duas aulas somente sobre o tema, sendo alguma delas teórica.

Figura 1



Fonte: questionário proposto pelo autor.

Colhendo os primeiros frutos: aceitação do Esporte de Orientação e inclusão

Percebendo que as jornadas não seriam fáceis, prevíamos uma mudança no padrão de aulas de EF já enraizadas na cultura dos alunos daquela escola, entre eles: tirar o futebol/futsal, inserir uma modalidade desconhecida, aulas em dia de chuva, aulas de EF no auditório, aulas que utilizaram todos os espaços da escola e aulas em parques, praças e em ambientes naturais.

¹ O praticante do Esporte de Orientação é chamado de Orientista.

Acompanhávamos, aula a aula, à aceitação dessas mudanças. Em consulta verbal após a terceira aula, de 15 alunos, 07 responderam que não estavam gostando das atividades. Na décima aula, após nova consulta, de 15 alunos, 03 responderam não estar gostando. E ao final da décima sexta aula, de 20 alunos, 02 responderam não estarem gostando das aulas. No entanto o referido aluno participou de todas as aulas e saiu-se muito bem nas pistas realizadas, ficando em 4º lugar em um ranking ao final do estágio. O fato a ser ressaltado é que o aluno 14, se manifestou contrário às aulas nas três oportunidades mencionadas e após a última intervenção, em conversa em particular, solicitou que após o término do estágio fossem organizadas mais pistas para a turma.

Outra situação a ser mencionada, diz respeito a dois ex-alunos da turma (alunos 2 e 20), que frequentavam aulas no turno da noite e solicitaram à supervisora do estágio para participarem das aulas, foram autorizados e tiveram nível elevado de frequência.

Situações como essas estão de acordo com os PCN, os quais preconizam que ao final do seu trabalho o professor deve ter construído um aluno capaz de participar de atividades corporais, determinando tendências equilibradas e construtivas com os outros e na esfera das práticas coletivas da cultura corporal, com a finalidade de inferir na área afetiva, se caracterizam na maioria das vezes, a contar de regras e valores próprios a determinadas circunstâncias pré-determinadas pelos envolvidos (BRASIL, 1998). Dependendo do cunho da atividade, se competitiva ou recreativa, se a competência ou a beleza estão em primeiro lugar, ou se as regras serão mais ou menos flexíveis, que será definida pela inclusão ou exclusão do indivíduo no grupo. Na escola, quem deve determinar o caráter de cada dinâmica coletiva é o professor, a fim de viabilizar a inclusão de todos os alunos. Esse é um dos aspectos que diferencia a prática corporal dentro e fora da escola.

Por isso destaca-se o fato da participação de todos nas aulas, independente da condição física e habilidade, em especial o trio dos “excluídos” por serem considerados gordinhos da turma, eles participaram da maioria das aulas e ao final obtiveram na classificação do ranking as posições 9º, 10º e 15º lugar de 21 alunos que realizaram as pistas, o que representa a possibilidade de incluir o maior número possível de alunos no Esporte de Orientação.

Podemos notar que os próprios alunos perceberam a possibilidade de inclusão de todos os alunos nas atividades desenvolvidas, como demonstra extrato retirado do questionário: *“Todos alunos que não tinham condições de praticar outros esportes puderam praticar (aluno 22)”*.

Percepções favoráveis ao projeto desenvolvido

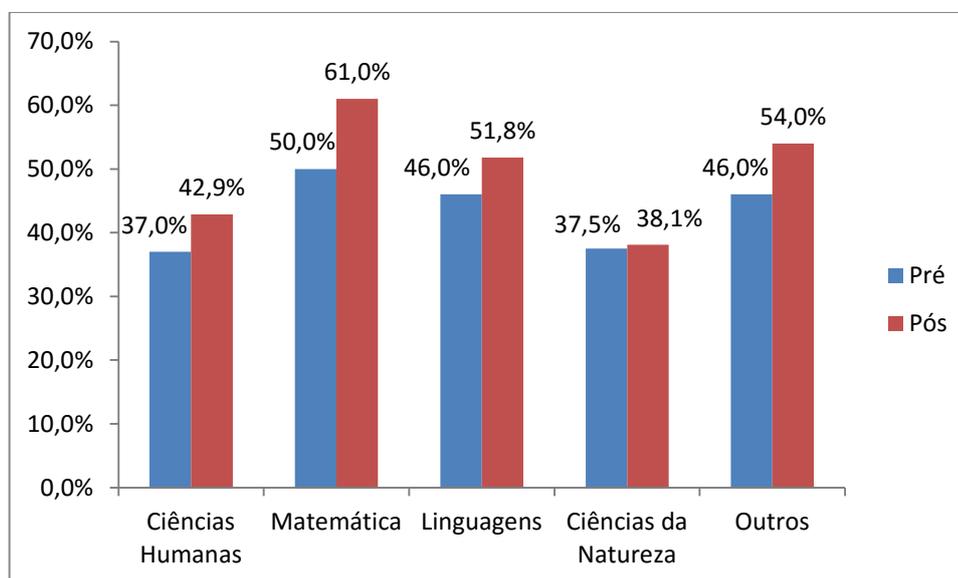
Ao dialogar com os entendimentos de todos os atores envolvidos no processo pôde-se identificar que muitas respostas confirmam resultados de estudos semelhantes no que diz respeito a interdisciplinaridade e a inclusão.

Interdisciplinaridade

Após a aplicação dos questionários os dados sobre benefícios proporcionados pelo Esporte de Orientação, foram analisados de forma quantitativa e posteriormente categorizados, o que para Piedade (1983), significa agrupar entidades (objetos, ideias, ações, etc.) por afinidade, o ser humano habitualmente utiliza esse método mental, pois diariamente ato reflexo classificamos coisas e ideias, com a finalidade de entender e identificar. Os dados foram agrupados dentro das áreas de conhecimento, da seguinte forma: Áreas das Ciências Humanas (História e Geografia), Matemática, Linguagens (Língua Portuguesa, Línguas estrangeiras, e as ligadas à EF como preparo físico, agilidade, flexibilidade, potência e força), Ciências da Natureza (Ciências e Meio Ambiente) e por fim, Outros (bem-estar, desempenho em sala de aula e raciocínio).

Figura2 – Comparação entre os questionários propostos

Áreas que podem receber benefícios proporcionados pelo esporte, na percepção dos estudantes



Fonte: questionário proposto pelo autor.

Pode-se observar na figura acima que o Esporte de Orientação como ferramenta pedagógica superou as expectativas dos discentes em todas as áreas do conhecimento, em relação aos resultados sobre esta percepção, nota-se que os mesmos estão um pouco acima dos iniciais em virtude de algumas áreas não terem sido identificadas, em especial Linguagens, por esse motivo ao efetuar a média, estas ficaram abaixo de que ficariam caso estivessem isoladas. No entanto o que se identifica é um entendimento sobre interdisciplinaridade que antes não possuíam.

Para falarmos de interdisciplinaridade devemos inicialmente discutir com Japiassú (1976) e ter em mente outros termos correlatos, à saber: Multidisciplinaridade, se caracteriza por uma ação conjunta de uma cadeia de disciplinas em torno de uma questão comum, uma disciplina; aparentemente, não tem relação uma com a outra; cada disciplina permanece com sua metodologia própria. Na pluridisciplinaridade, diferentemente do nível anterior, observamos a presença de algum tipo de interação, cooperação mas sem coordenação, entre os conhecimentos interdisciplinares, embora eles ainda se situem num mesmo nível hierárquico, não havendo nenhum tipo de coordenação proveniente de um nível hierarquicamente superior – finalidade “multidisciplinar”. Objeto do estudo, a interdisciplinaridade representa o terceiro nível de interação entre as disciplinas, de forma recíproca e coordenada; perspectiva metodológica comum a todos, conexas e definida no nível hierárquico imediatamente superior, o que introduz a noção de finalidade. Finalmente a transdisciplinaridade reflete um nível de agrupamento de disciplinas além da interdisciplinaridade. Trata-se de uma proposta relativamente recente no campo epistemológico. Japiassú (1976), a define como sendo uma espécie de controle de todas as disciplinas e interdisciplinas.

Considerando esse entendimento como possibilidade de abordagem das aulas de EFE, questionamos se os estudantes achavam que o esporte de orientação poderia ser utilizado em disciplinas de sala de aula e 80,95 % da turma respondeu positivamente.

Na intenção de conhecer se este também era o entendimento da professora supervisora, ao ser questionada, também reconheceu a possibilidade do trabalho interdisciplinar:“ [...]Por proporcionar um trabalho interdisciplinar, por ser interessante e por trazer algo diferente para a escola”.

A orientadora de estágio também percebeu a possibilidade da interdisciplinaridade do Esporte de Orientação, marcando as seguintes disciplinas como:“*Matemática, Língua Portuguesa, Ciências, História, Geografia e Línguas estrangeiras*”.

No entanto, apesar do projeto estar calcado inicialmente em interdisciplinaridade, a tentativa inicial de promover essa comunicação entre os professores e conteúdos não teve sucesso. Após os contatos com a direção da escola, na tentativa de uma reunião com os professores das turmas, só conseguimos contato com duas, sendo uma do turno oposto, o que inviabilizou a reunião. Também estabeleceu-se contato (uma reunião de mais de hora) com o PIBID de Ciências da Natureza da Unipampa, os quais comprometeram-se em realizar um projeto sobre meio ambiente a fim de ser executado junto as turmas de estágio, porém este projeto não foi feito por parte deles.

Por outro lado, há uma grande dificuldade enfrentada por esses alunos e até mesmo pelos educadores, em compreender a interdisciplinaridade, pois, atualmente o conhecimento é construído de forma fracionada, a maioria dos currículos escolares são organizados de forma disciplinar, sendo um problema clássico da pedagogia, dificultando a identificação de todos os componentes dentro de uma só atividade. (DE ROSE et. al. 2009). Por isso, faz-se necessário elaborar propostas curriculares interdisciplinares que rompam com a fragmentação do conhecimento e pensem a prática pedagógica, da sala de aula, numa perspectiva mais global.

Princípio da Inclusão

A busca por modificar o quadro histórico da EFE, que é a seleção entre os aptos e inaptos para as práticas corporais, em função da valorização exagerada do desempenho e da eficiência, espera-se a inclusão do aluno na cultura corporal de movimento, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas (BRASIL, 1998).

Através da análise dos dados podemos verificar que a proposta realizada contemplou todos os alunos, incluindo-os na EFE. Quando questionados se achavam que o Esporte de Orientação proporcionou a inclusão de todos nas aulas, 57,14% da turma respondeu que sim, 14,28% que não 28,57% acham indiferente.

Aqueles que consideraram existir inclusão nas aulas de EO, afirmaram:

“Porque nesse esporte de orientação todos podem participar” (aluno 18).

“Todos interagiram durante a realização das aulas” (aluno 13).

A supervisora e a orientadora consideraram que o Esporte de Orientação incluiu toda a turma, como pode ser visto em seus comentários:

“Aulas práticas acessíveis e trabalho em duplas e em grupos” (supervisora)

“Pude perceber que nenhum dos estudantes presentes nas aulas que observei ficou de fora das atividades previstas para as aulas, o que caracteriza que todos tiveram oportunidade igual de acesso a essa forma de conhecimento, que é trabalhada nas características desta manifestação corporal. O fato de meninas não estarem presentes deve-se à separação da turma por sexo, o que faz parte de uma organização institucional da Educação Física, estando fora do controle do estagiário”. (orientadora)

O Esporte de Orientação nas aulas de Educação Física Escolar

Reunindo as informações sobre a aceitação desta nova manifestação da cultura corporal, percebeu-se que o Esporte de Orientação foi bem aceito pelos estudantes:

Figura 3 – Você acha que o Esporte de Orientação deve fazer parte das aulas de Educação Física?



Fonte: questionário proposto pelo autor.

As justificativas para essas opiniões favoráveis podem ser percebidas nas seguintes respostas:

“Sim por quê dá uma mudada na nossa educação física porque a gente só joga futebol” (aluno 17)

“São aulas muito boas porque incluem não só futebol, basquete, vôlei, etc. Porque ele ajuda em muito mais áreas que a física (Educação Física)” (aluno 4)

“Porque ele inclui todos alunos” (aluno 21)

“As aulas de orientação deveriam ser obrigatórias em todas as escolas, pois todo dia só tendo jogo de futebol e só esse tipo de atividade, não aprendemos quase nada, o que deixa tudo muito repetitivo e as vezes chato” (aluno 1)

Ao final das experiências, minha supervisora e minha orientadora de estágio também foram favoráveis à inserção do Esporte de Orientação nas aulas de EFE, como pode ser visto nas seguintes respostas:

“Por proporcionar um trabalho interdisciplinar, por ser interessante e por trazer algo diferente para a escola” (supervisora)

“A Educação Física na escola é responsável por oportunizar acesso ao patrimônio cultural corporal historicamente acumulado, promovendo diálogos críticos destes conhecimentos, contextualizando-os socialmente, proporcionando experiências práticas e contato com as características específicas de cada manifestação desta cultura corporal. Por isso, quanto maior for o acesso dos estudantes a estas diferentes manifestações, como o Esporte de Orientação, por exemplo, mais amplo será o seu entendimento sobre o saber específico que a Educação Física aborda na escola e mais tipos de linguagens corporais os estudantes poderão utilizar em suas vidas” (orientadora).

Limitações

Percebeu-se como limitação alguns fatos ocorridos durante o estudo que serão elencados neste item. Quanto à aplicação dos questionários, houve dificuldades em virtude da elaboração das perguntas ocorrer em momentos distintos, sem a devida atenção às áreas interdisciplinares, tendo de serem agrupadas e categorizadas posteriormente. Além disso, na ocasião das análises das informações, compreendeu-se que poderia ter explorado melhor alguns questionamentos.

Houve dificuldades para discutir os resultados dessas intervenções, por haver poucas publicações referentes ao assunto. Este fato também foi argumento de Karmona et al. (2013), que sentiu falta de publicações referentes ao assunto, relacionando-o com a Educação Física e principalmente em se tratando de EFE.

Por fim com relação à interdisciplinaridade, apesar de estarem presentes nas percepções dos envolvidos, mesmo com um contato prévio com professores daquela turma, não houve uma “sincronia” para que as disciplinas transcorressem em diálogo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do Esporte de Orientação nas aulas da EFE se apresentou como uma proposta capaz de contribuir para o aprendizado de uma nova linguagem corporal, que possui uma postura interdisciplinar e, na visão dos alunos, pode dialogar com alguns componentes em especial geografia e matemática, o esporte portanto proporciona ao professor de Educação Física, identificar os momentos em que pode fazer essa correlação.

Podemos inferir também, que a inclusão do Esporte de Orientação é um excelente instrumento pedagógico para as aulas de Educação Física, pois reúne uma gama enorme de conhecimentos que podem ser aplicados seguindo o prescrito na BNCC, nos PCNs e seus Temas Transversais.

Para tanto, espera-se uma formação inicial sobre o Esporte de Orientação em Universidades nos moldes do que já ocorreu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nos anos de 2001 e 2002 e outros estabelecimentos de ensino superior que possuíam (ou ainda possuem) o componente no seu currículo: Faculdade Assis Guargacz, de Cascavel-PR, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre outras (DA SILVA, 2011). Torna-se preponderante, fazendo parte do Conjunto do Saberes da Formação Profissional que, baseados nas ciências e na erudição, são transmitidos aos professores, de acordo com Tardif (2004), além do processo de formação profissional inicial a necessidade da formação continuada, constituem-se também no conjunto dos saberes da formação profissional os conhecimentos pedagógicos relacionados às técnicas e métodos de ensino (saber-fazer). Sendo uma fonte social de aquisição: Os estabelecimentos de formação de professores, os estágios, os cursos de reciclagem, etc. Para tanto o professor pode incluir ao seu currículo essa nova modalidade esportiva.

Sua utilização como ferramenta interdisciplinar demanda de um contato prévio com os professores das demais disciplinas, essas premissas permitem uma abordagem diversificada e aprofundada enquanto conteúdo, contemplando as dimensões procedimentais, conceituais e atitudinais.

Nota-se também, que mesmo ocorrendo esta inter-relação entre as disciplinas, o Esporte de Orientação não perdeu as suas características desportivas, pois alguns componentes relatados foram inseridos durante as aulas práticas e pode-se observar através das respostas dos alunos essa percepção. Como aprendizado, a faixa etária, método das aulas e o local e onde foram inseridos proporcionaram um bom aprendizado, tornando-se viável dentro das Instituições de Ensino, para outras faixas etárias deve-se ser revista a forma.

O Esporte de Orientação se inserido nas aulas de EF, pode tornar-se uma atividade capaz de auxiliar na manutenção da saúde e do bem estar físico, mental e psicológico do aluno, aumentando sua autoestima e autoimagem e melhorando a sua convivência em grupos.

Relativo ao material, com exceção das bússolas o restante pode ser improvisado, mapas podem ser utilizados croquis da escola ou imagens aéreas (*Google Earth ou Google maps*), para prisms pode ser confeccionado em tecido não tecido (TNT) ou qualquer outro material reciclável (garrafas PET, latas tinta ou de material da cozinha), para os picotadores podem ser usadas etiquetas ou aproveitar o momento para inserir como códigos questões matemáticas, de literatura, etc. Especial atenção deve ser dada as aulas práticas que podem ser desenvolvidas em praças, parques ou espaços abertos próximas aos educandários.

Recomenda-se o contato com Unidades Militares, assim como com clubes de orientação da cidade, com a finalidade de utilizar áreas já mapeadas, assim como a ajuda de militares com experiência no assunto afim de proporcionarem palestras, cursos ou minicursos para alunos e professores e empréstimo de material se for o caso.

Conclui-se que a presente pesquisa vem contribuir com a pouca literatura sobre o assunto em tela e confirma que o Esporte de Orientação se apresenta como uma excelente ferramenta pedagógica que pode ser inserida na escola proporcionando ao docente o trabalho da interdisciplinaridade, sem perder a especificidade da Educação Física e a possibilidades de trabalhar temas transversais em especial saúde e meio ambiente.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Nataniel Batista de Albuquerque. A prática da orientação na geografia escolar: da vertente esportiva à pedagógica. Pindorama – Revista Eletrônica Científica do IFBA, Eunálopi, a. 3, n. 3, jul./dez., p. 107-123, 2012. Disponível em: <<http://www.revistapindorama.ifba.edu.br>>. Acesso em 30 mar. 2016.

BRACHT, V. Educação Física e aprendizagem social. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação. Proposta preliminar, 2ª versão revista, abr. 2016.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília. 2013,

BRASIL, Lei n. 5692/71, de 11 de agosto de 1971. Lei de diretrizes e bases da educação nacional, LDB. Brasília, 1971.

BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de diretrizes e bases da educação nacional LDB. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, 1996.

BRASIL, INTRODUÇÃO AOS PARÂMETROS CURRICULARES. terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC-Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL, Plenário do Conselho Municipal de Saúde, Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

BRASIL, Plenário do Conselho Municipal de Saúde, Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016.

CARMONA Eduardo K.; et al. O esporte de orientação: possibilidades e perspectivas. Educação Física em Revista. EFR. 2013, v. 7, n. 3, p. 19-27

CBO. CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ORIENTAÇÃO. Regras Gerais de Orientação Pedestre. Definição. Regra 1. Disponível em: <<http://www.cbo.org.br>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

CONFED. Conselho Federal de Educação Física. Educação Física Escolar. Revista E.F. Nº 05. dez. 2002.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DA SILVA, Marco Antônio Ferreira. Esporte Orientação: Conceituação, resumo histórico e proposta pedagógica interdisciplinar para o currículo escolar. Monografia apresentada à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre,RS. 2011.

DARIDO, Suraya Cristina. Teoria, prática e reflexão na formação profissional em Educação Física. Motriz, v. 1, n. 2, p. 124-128, 1995.

DARIDO, Suraya Cristina et al. A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, 2001.

DARIDO, Suraya Cristina. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 18, n. 1, p. 61-80, 2004.

DE ROSE JR, Dante. Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: Uma abordagem multidisciplinar. Artmed Editora, 2009.

JORNAL DIÁRIO DA FRONTEIRA. Pista de Orientação. Edição de 18 e 19 de junho. Ano XVII, Nº 4697. p. 3.

FEIO, Vasco Craveiro. A Corrida de Orientação. Lisboa: Ministério da educação e da cultura, direção geral dos desportos, Junho 1987.

FERREIRA, Vanja. Educação física, interdisciplinaridade, aprendizagem e inclusão. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

FGO. Federação Gaúcha de Orientação. O que é orientação. Disponível em: <<http://www.fgo.esp.br/index.php/2015-12-12-23-46-05/o-que-e-orientacao>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

GARDNER, Howard. Inteligência: um conceito reformulado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 347.

GARDNER, Howard. Estruturas da Mente. A Teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 340.

GHIRALDELLI, Paulo. Educação física progressista. Edições Loyola, 1991.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 220 p.

KUNZ, Elenor. Educação Física: ensino e mudanças. Unijuí, 2001.

LEWGOY, Alzira Maria Baptista; SCAVONI, Maria Lucia Amaral. 04. Supervisão em Serviço Social: a formação do olhar ampliado. Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 1, n. 1, p. 1-9, 2006.

PASINI, Carlos Giovanni Delavati. Corrida de Orientação Esporte e Ferramenta Pedagógica para o Ensino. Três Corações: Gráfica Excelsior, 2004.

Pense SUS. Determinantes Sociais. Disponível em: <<http://pensesus.fiocruz.br/determinantes-sociais>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

PIEIDADE, Maria. Antonieta. Requião. Introdução à teoria da classificação. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

SANCHES NETO, Luiz; BETTI, Mauro. Convergência e integração: uma proposta para a educação física de 5a. a 8a. série do ensino fundamental. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 22, n. 1, p. 5-23, 2008.

SOARES, Carmen Lúcia. et al. Metodologia do ensino de educação física. Cortez Editora, 1992.

SOARES, Carmen Lúcia et al. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. Revista Paulista de Educação Física, v. 10, p. 6-12, 1996.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. Oficinas de ensino: o quê?: por quê?: como?. Edipucrs, 2000.

VIEIRA, Martha Bezerra. Gêneros separados nas aulas de Educação Física. Reflexão acerca de tal problemática dentro da escola. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 17, Nº 177, fev. 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em 15 nov. 16.

YAREMCO, R. K., HARRY, H., HARRISON, R. C., & LYNN, E..Handbook of research and quantitative methods in psychology. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1986.

ANEXO 1

DESCRIÇÃO DAS AULAS

Aula 1 - A apresentação da nova modalidade esportiva foi realizada com uma palestra, filmetes sobre o tema e apresentação de um questionário, afim de apurar se os alunos possuíam algum conhecimento sobre o assunto.

Aula 2 - Foi utilizado o pátio da escola, onde os alunos através de um mapa (imagem aérea da escola, extraída através do site “*Google Maps*”), executaram uma pista, com seis pontos, foram divididos em grupos de cinco integrantes e, além do mapa, foram utilizados prismas de orientação e, como forma de registrar suas passagens pelos pontos de controle etiquetas, as quais eram coladas no mapa, foi a forma de inserir aos poucos essa nova modalidade.

Aula 3 - Dividida em duas etapas, sendo a primeira, aferição do passo duplo e a segunda sobre como utilizar a bússola. Foi delimitada por cones, uma área de 50 metros, na calçada em frente à escola, pois o campo estava com barro, os alunos iam de cone a cone e anotavam a quantidade de passos duplos executados e ao final de seis vezes essa distância, os mesmos faziam a média de passos.

Posteriormente, na quadra poliesportiva da frente da escola, foram colocados três prismas de orientação pendurados na cerca ao lado da quadra, os estudantes tiveram as primeiras noções de utilização da bússola.

Aula 4 – A convivência com a turma tornou possível o estreitamento da relação professor-estudante, desta forma, elaboramos uma abordagem do tema transversal saúde/drogas, que não se trata de assunto novo para a humanidade e os prognósticos são de que continuará a existir, (BRASIL, 1998). Esta aula deu-se em um dia de chuva, com 12 alunos regulares e três alunos de outras turmas, em virtude da temática, a supervisora do

estágio solicitou para inseri-los e que gostaria de participar, foi uma aula muito proveitosa em virtude da idade da turma, assim como propícia ao contexto a que estão expostos.

Aula 5 - Foram divididos em dois grupos, foi distribuída uma bússola e um cartão de controle para cada equipe, foi designado um aluno para ser o “homem” bússola e os demais ficarão responsáveis pelos passos “homens passo”. O objetivo da presente aula era o aluno ter a primeira noção de como realizar uma pista e orientar-se através da bússola (azimute) e utilizar o picotador. Neste primeiro contato, a execução da pista deu-se com o meu acompanhamento, pois a cada ponto eram comentados os procedimentos para chegar até ali, assim como para prosseguir até o próximo.

Aula 6 - Pista com cinco pontos, os alunos foram divididos em cinco grupos de quatro integrantes, um membro participou do sorteio da ordem de partida. Ao final dois grupos não passaram por todos os pontos, e os outros três completaram. Fato a ser levado em conta: a equipe de nº 5 (dos gordinhos excluídos) ficou em 2º lugar, o que será comentado nos resultados quanto ao esporte e a inclusão de todos.

Aula 7 - Foi realizado um treino intervalado de 6 repetições de 1min x 1min (um minuto correndo com um intervalo de um minuto de caminhada), foi realizada a apresentação do tipo de treino, suas características, objetivos e vantagens, na parte de treinamento desportivo, assim como benefícios a saúde. Alguns alunos destacaram-se positivamente, outros ficaram muito para trás, cada um no seu ritmo.

Aula 8 - Nova aula sobre a utilização da bússola e a realização de uma avaliação quanto à utilização da mesma e a aferição do passo duplo correndo e aferição novamente do passo duplo caminhando. A aula fez com que eles além de relembrem aulas anteriores pudessem trabalhar um pouco a matemática ao efetuarem os cálculos quanto ao seu número de passos em uma distância de 100m.

Aula 9 - Realizada no campo de futebol, onde os alunos foram desafiados a serem os protagonistas da aula, saíram da situação de alunos e passaram a situação de professores. Um aluno era escolhido, ia à frente, identificava um material (prismas, suportes de prismas, picotadores, mapas, bússolas e cartões de controle), fazia descrição do material e para que o mesmo servia. Na sequência um aluno por vez, orientava a carta, posteriormente em duplas, trios e quartetos, todos conseguiram realizar a atividade proposta. Foi um aquecimento para a pista que ocorreria no próximo encontro.

Aula 10 - 1ª Pista externa, 15 alunos que foram divididos em grupos de 3 integrantes, cada grupo escolheu um nome para sua equipe; receberam uma bússola e um cartão de

controle, foi realizado o sorteio da ordem de partida. A execução da pista foi realizada pelos alunos, com o intervalo de 3 minutos para a partida de cada equipe. Foi a primeira atividade, conforme programado, fora da escola, eles foram direto para o local. Iniciamos as pistas pelo menos complexo, uma pista que tornou-se fácil para eles, todos realizaram com sucesso, rendimento acima do esperado.

Figura 4 – Pista Parque Dom Pedro II.



Fonte: Brasil Escola.

Aula 11 - Aula no sentido de uma melhoria das capacidades aeróbias (corrida contínua), um aquecimento em forma de circuito e posteriormente, para eles, uma atividade diferente, a maioria nunca havia participado de uma corrida contínua de 12 minutos, fui à frente num ritmo pré-estabelecido de 6,5 km/h, alguns foram mais rápido, outros ficaram pra trás, cada um no seu ritmo.

Aula 12 - O guia e o cego, a montagem de uma pista com 10 pontos, no campo de futebol, divisão das duplas, foi realizada uma ordem de partida. Ficaram duas duplas ao mesmo tempo na pista. Um integrante da dupla foi o cego (vendado) e o outro foi o guia, ao apito os mesmos se deslocaram pela pista, foram em contato (segurando a blusa/camiseta, de mão ou mão no ombro), alguns executaram caminhando, outros correndo. Não houve ordem para picotar os prismas, mas todos deveriam ser picotados pelo cego. Todos levaram a sério (surpresa), inclusive os mais agitados, os objetivos foram cumpridos, ao final na crítica da atividade, foi exposto a eles os motivos do exercício e a contribuição que o mesmo daria no que tange à inclusão.

Figura 5 – Pista o Guia e o Cego.

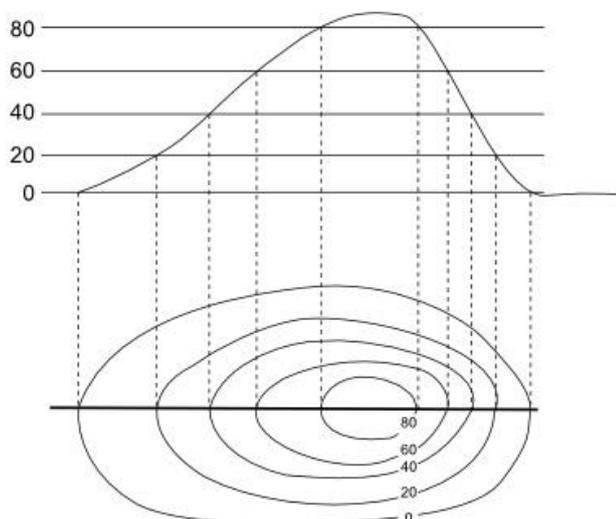


Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Aula 13 - Determinar, usando a bússola o norte magnético, o azimute magnético de uma direção, utilizar o passo duplo, e memorizar um azimute. Os alunos foram divididos em grupos de três integrantes, foi distribuída uma bússola e um cartão de controle por equipe. Uma aula completa, bússola, passo duplo que é uma forma de mensurar distâncias e exercitar a matemática, valorizar o patrimônio do aprendizado de uma nova modalidade, respeito as regras e ao adversário e trabalhar em grupo.

Aula 14 - Apesar do dia chuvoso foram 19 alunos à aula, que teve como objetivo geral: dar aos alunos uma noção de escalas, tabelas de conversão e curvas de nível, teve como objetivos específicos: identificar inscrições em um mapa (carta), calcular escalas, fazer conversões métricas e identificar o que são curvas de nível. Estes temas não foram muito atraentes aos participantes da aula, porém reforçamos o que eles já sabiam, assim como fizemos a introdução de escala que eles ainda não tinham visto.

Figura 6 – Curvas de nível.



Fonte: Brasil Escola.

Aula 15 - Novamente uma aula intensa, um treino intervalado onde foram aumentados os números de repetições (de 6 para 8), 1 minuto de corrida por 1 minuto de descanso, pôde-se neste momento identificar o lado biológico da EF, com a progressão de alguns alunos, sua melhora de uma aula semelhante para outra. Os benefícios do treino físico dificilmente são visíveis a curto prazo, mas espera-se que os alunos guardem algumas atividades como referências futuras.

Aula 16 - A experiência de tirar os alunos da escola é extremamente significativa, foram 20 alunos a aula. Pista no Parque Agrícola e Pastoril, nota-se a evolução com o passar dos dias, com o transcorrer das aulas, o percurso foi realizado num tempo excelente. Novamente a equipe composta pelos alunos “4, 16 e 17” – alunos com IMC elevado - conseguiram uma posição de destaque, posição essa que deixou-os confiantes quanto a sua participação nas aulas. Outro ponto a ser destacado foi a utilização de um parque (devidamente autorizado), que embora particular pertence à história da comunidade. Foram premiados por solicitação da supervisora do estágio as duas primeiras duplas.

Figura 7 – Pista Parque Agrícola e Pastoril.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Aula17 - Teórica, mas não foi ministrada em dia de chuva, foi marcada em consonância com as alunas da turma, com o intuito de dar orientações às meninas sobre o Esporte de Orientação e de como funcionaria uma pista em grupo, em que seriam abordados temas transversais, tendo como tema principal o meio ambiente. Foram apresentados os dados colhidos pelos acadêmicos relativos aos determinantes sociais das adjacências da escola, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) são as condições em que uma pessoa vive e trabalha e a relação com os determinantes sociais da saúde.

Aula 18 - Um circuito planejado em quatro estações que propôs atividades dinâmicas, constantes e teve um intervalo de 1 minuto entre as estações. Aula com uma receptividade ótima e a solicitação de que a aula prosseguisse, após a mesma comentários positivos via grupo no aplicativo “*WhatsApp*”.

Aula 19 - Foi realizada uma pista de Orientação na Sede Campestre do Grêmio Tiradentes e Área de Instrução da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, os alunos foram divididos em grupos, sendo três meninos e duas meninas (cada grupo) e um militar do Exército ou um acadêmico para auxiliá-los caso saíssem muito da rota ou para alguma área perigosa. Objetivo: Percorrer a pista e recolher lixo às margens do rio Uruguai e arroio Cacaréu. Os meninos conseguiram demonstrar conhecimento sobre o Esporte de Orientação e conduziram as meninas. Os resultados começam a aparecer nos detalhes, começa-se a observar fruto de um trabalho. A supervisora participou ativamente das tarefas percorrendo alguns pontos da pista. Esta aula foi muito acima da expectativa, uma aula que poderia ser o objetivo de todo um semestre, porém foi mais uma entre todas do projeto, o envolvimento foi de 100% da turma, entendimento da proposta por parte de todos foi além do esperado, talvez o principal motivo tenha sido o ambiente diversificado da sede e da área às margens do rio e arroio. Aula que dá gosto fazer parte do contexto escolar e tentar fazer a diferença. A aula foi publicada em matéria no Jornal Diário da Fronteira, periódico do Município.

Figura 8 – Pista Meio Ambiente.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 9 – Jornal Diário da Fronteira.



Fonte: Jornal Diário da Fronteira

Aula 20 - Essa foi a última aula do estágio na escola, através de um mapa (extraído através do site “*Google Maps*”) utilizando o Esporte de Orientação, foram inseridas as quatro modalidades esportivas mais empregadas na Educação Física escolar. A turma dividida em dois grupos teria de encontrar quatro pontos onde: realizaria um chute ao gol, um arremesso de basquete, um arremesso de handebol e um saque de vôlei, após todos concluírem as tarefas foi atribuída uma pontuação.

Aula 21 - Encerramento das aulas, coroamento de todas, verificação do aprendizado. Os alunos foram divididos em duplas, um militar acompanhou em virtude da dificuldade do local, os alunos saíram-se muito bem, todos concluíram. Após a pista, o aluno 14, que durante todo estágio dizia não estar gostando da modalidade, solicitou falar em particular junto com o aluno 8 (discente esse que ficou em primeiro lugar em um ranking após finalizadas todas as pistas), os mesmos solicitaram que após o estágio fossem proporcionadas mais pistas.

Figura 10 – Última Pista.



Fonte: Jornal Diário da Fronteira